

Apresentação

Esta edição da revista *Illuminuras* é um dos resultados do encontro entre pesquisadores – do Brasil e de outros países da América Latina – preocupados em investigar, através da etnografia, as sonoridades da cultura. Na VIII Reunião de Antropologia do Mercosul¹, que ocorreu em setembro de 2009 na cidade de Buenos Aires, o intercâmbio entre estes pesquisadores resultou em debates teóricos e metodológicos sobre o som como parte das inquietações do campo de conhecimento da antropologia. As paisagens sonoras, as musicalidades e rituais, as rezas, as imagens sonoras foram tematizadas a partir da diversidade de universos simbólicos que compunham cada pesquisa e abordadas sob a perspectiva do fazer antropológico, onde os sons apresentam-se como parte importante – se não fundamental – da construção de interpretações sobre as culturas e sociedades humanas, tendo em vista as práticas sociais de determinados grupos, as formas e arranjos da vida social, bem como o patrimônio etnográfico das populações com as quais o antropólogo encontra-se em diálogo.

Os artigos que compõem esta revista decorrem deste debate, onde vamos perceber os desafios da produção de uma etnografia sonora, seja no que tange ao registro e tratamento do documento etnográfico, seja na conformação de processos de classificação e interpretação dos dados de campo. Um desafio que é respondido de formas diferentes por cada um dos pesquisadores que aqui apresentam suas investigações.

Assim, o artigo de Sayuri Raigoza Rivera *El Chamamé construyendo un significado hoy en buenos aires y el conurbano bonaerense*, nos apresenta a prática do chamamé – música e baile – como componentes da paisagem sonora de determinados bairros e ruas da cidade de Buenos Aires. A autora dedica-se a desvendar os sentidos desta prática na constituição da identidade dos sujeitos que participam de ensaios, apresentações e festivais de Chamamé, tensionando as interpretações que vêm estes encontros para tocar e dançar o chamamé como práticas de rememoração das origens ao afirmá-lo como processo social de construção de

¹ GT Cultura e suas formas de expressão sonora, organizado por Viviane Vedana e Gerardo Mora.

identidades. O Chamamé, como gênero musical de imigrantes de outras regiões da Argentina não é praticado apenas como afirmação de uma tradição, mas principalmente como motivador de laços e relações sociais que cria a vida sonoro-musical do lugar – bairro, rua, etc. – constituindo assim sua paisagem sonora.

Por outro lado, o tema da paisagem sonora como forma expressiva da cultura de determinados grupos suscita intensas questões do ponto de vista metodológico. A pergunta sobre como registrar e representar os fenômenos sociais e culturais através dos sons perpassa os artigos de César Borie & Andres Fortunato e de Priscila Farfan & Stéphanie Bexiga, ambos preocupados com os processos de elaboração de etnografias sonoras e suas formas de representação.

César Borie e Andres Fortunato no artigo *Etnografía y paisaje sonoro. revisión metodológica de tres proyectos de investigación: valle de azapa e isla mocha*, propõem uma reflexão sobre três experiências de pesquisa nas quais registram paisagens sonoras que vão compor, junto com textos e fotografias, uma obra etnográfica, uma representação, dos resultados da pesquisa, ou melhor, do encontro com o Outro. Neste texto, os autores se dedicam a desvendar o lugar que ocupa a produção e elaboração destas paisagens sonoras no contexto do projeto de pesquisa em que estão inseridos, haja vista tratar-se do que denominam pesquisa colaborativa ou seja, levada a cabo por profissionais de diferentes áreas. Neste caso, uma das perguntas que percorre o texto diz respeito a como as paisagens sonoras registradas dialogam com a voz dos interlocutores da investigação, com a sonoridades das músicas, etc. bem como com os textos e fotografias que estão presentes na composição final do produto desta pesquisa, no caso um CD.

Baseados em M. R. Schaffer², sua preocupação em documentar e arquivar paisagens sonoras a partir deste trabalhos de pesquisa está relacionado a construção de uma consciência a respeito do entorno sonoro através da escuta não só dos sons que compõem o ambiente, como também das narrativas dos homens e mulheres que participam da pesquisa. Este artigo é ainda acompanhado por links que direcionam o leitor para a escuta de alguns sons relacionados as pesquisas apresentadas pelos autores. Esta possibilidade de acessar o hiperlink da leitura para a escuta está

² Compositor, escritor e músico canadense, autor de *O Ouvido Pensante*, Ed. da Unesp, São Paulo, 2003, entre outros.

intimamente relacionada com a reflexão proposta pelos autores a respeito das novas técnicas de escritura reflexiva da etnografia.

Já Priscila Farfan Barroso e Stéphanie Bexiga no artigo *etnografia sonora na cidade: algumas contribuições metodológicas acerca do registro sonoro na pesquisa de campo*, apontam para os desafios presentes em uma etnografia sonora vinculada a antropologia urbana. Tendo como objeto as formas sensíveis da vida social na cidade moderno-contemporânea e os arranjos cotidianos de seus habitantes, as autoras explicitam os procedimentos de pesquisa adotados para a investigação das sonoridades da vida urbana. A construção da imagem sonora como dado etnográfico é o ponto fundamental do texto, que se dedica ao momento anterior ao próprio trabalho de campo, ou seja, momento em que são construídos roteiros de observação e captação de imagens, em que são delimitados pontos de escuta das ruas da cidade. Este texto explicita ao leitor não só a importância deste processo de decisão sobre *o quê e como* gravar uma imagem sonora, mas também apresenta diferentes sentidos da escuta que constituem este processo.

Ainda na perspectiva de uma escrita sobre as questões metodológicas que envolvem a investigação da vida urbana através dos sons, Soledad Martínez Rodríguez, em seu artigo *La Ciudad Percibida: cuestiones metodológicas en la investigación de ambientes sonoros urbanos* vai reunir o tema da experiência sensorial urbana com a teoria do *embodiment* para discutir técnicas de investigação dos processos sensoriais de percepção da cidade através dos sons. Este texto aponta para a dimensão sensível como elemento central da experiência urbana e pretende estabelecer uma ponte entre planejadores do espaço urbano e seus usuários. Para isso, reflete sobre a idéia de um mundo sonoro – enquanto tal – e os vários mundos escutados pelos sujeitos em sua vida cotidiana.

A complexidade destas escutas surge de forma poética e detalhada no artigo de Gerardo Mora Rivera *Lakitas de Vinilo en Arica*, a partir da pergunta que orienta a escritura do texto etnográfico: como se dá a passagem das lakitas (instrumentos de sopro) de cana para as lakitas de PVC em Arica, no Chile? Esta pergunta será respondida ao longo do artigo tanto através de uma reflexão teórica sobre os sons e a música que são produzidos por este instrumento – em seus mais variados aspectos, como é o caso da memória desta mudança, a diferença entre as sonoridades de cada material – como através de uma descrição detalhada da aventura etnográfica que conduziu a pesquisa – nos encontros e conversas com os músicos, na observação de

apresentações, etc.

No plano dos rituais e das musicalidades, rezas e cânticos, vamos nos deparar com as descrições de Carolina Pedreira em *Reza não é música: a lamentação das almas na chapada diamantina* sobre o ritual de encomenda dos mortos em Andaraí/BA. Este ritual é formado por um grupo de pessoas, em geral mulheres, que saem pelas ruas entoando preces e conformando um coro em favor das almas. As “rezas catadas ou cantos rezados” são analisados pela autora conforme a forma que adotam os versos (com ou sem estribilho, repetições, etc.) e a partir desta análise nos apresenta também as formas de entoá-los e seus significados religiosos. A relação entre as palavras que compõem os versos e suas sonoridades revelam para a autora, a relação íntima entre som e sentido que emergem neste cantos e rezas.

Com Ewelter Rocha, em *Deus me livre de cantar essas coisas*, continuamos no plano do sagrado, desvendando com o autor a relação entre música e penitência nas cerimônias de flagelação do catolicismo popular no Sertão do Cariri/CE. É na performance que o autor vai perceber as significações dos *benditos*, construídas nos corpos, gestos e fisionomias dos atores sociais, evidenciando-se assim a consagração pela musica, ou nas palavras de Ewelter Rocha “o corpo faz-se consagrado pelo canto dos benditos”.

Ainda no plano religioso, Euridiana Silva Souza descreve em *Mana-Música: interpretações de músicas, cultos e discursos evangélicos*, a relação entre musica, religião e discurso nas igrejas evangélicas de Belo Horizonte/MG, mais precisamente entre dois segmentos: a Igreja Batista Tradicional e a Igreja Batista Pentecostal, explorando as relações de significado entre produzir, distribuir e receber a musica neste contexto religioso. Neste sentido, compreende a música como uma linguagem de emoções que torno o culto um fluxo de interações sociais e nos apresenta quadros explicativos das formas como estes cultos são conduzidos nas Igrejas Batistas, bem o lugar da música neste ritual.

Dois outros artigos ainda enfocam a cidade como ponto principal de investigação das sonoridades: Renata Silva Machado, em *Abordagens aos sons da cidade: entre o cotidiano e a prática científica*, tensiona a produção de conhecimento na área de Planejamento Urbano e a abordagem sempre negativa relacionada aos sons: poluição sonora, produção de ruídos, distúrbios, etc. A autora reivindica portanto, que os sons sejam tomados também pelo campo disciplinar da Arquitetura e Urbanismo como elementos que falam sobre o espaço e que fazem parte da

experiência humana na cidade, já que a eles são atribuídos sentidos diversos por seus habitantes.

Nesta mesma linha apresentamos o artigo *Territórios Sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana*, de Viviane Vedana, que investiga a delimitação de certos territórios da cidade de Porto Alegre através das sonoridades que emanam e de suas ambiências. Trata-se de uma interpretação que parte da idéia de território-mito, de Michel Maffesoli, para refletir sobre a memória de determinadas regiões da cidade que sofreram transformações ao longo dos anos (como aterros e abertura de avenidas), memória esta vinculada tanto as formas das ruas e disposição das casas, como as formas de sociabilidade e práticas cotidianas que ali se desenrolam, uma composição que se expressa através de sonoridades específicas.

Por fim, o ensaio de Gabriel de Souza, *La mirada sobre el espacio vivido del Monte Nativo* fecha esta edição da Revista Iluminuras com uma reflexão sobre a representação do território pelos residentes de Montes Nativos, Uruguai. O autor nos apresenta breve relato da experiência etnográfica vivida em campo, com o intuito de pensar sobre o processo de registro e montagem das imagens sonoras e visuais que compõem a pesquisa.

Como fica claro a partir destas breves descrições de cada texto que compõe a revista, a diversidade de perspectivas e abordagens sobre o som no campo de conhecimento da Antropologia e Ciências Sociais é grande, principalmente se considerarmos que o Grupo de Trabalho que deu origem a esta edição, como foi citado antes, contou com a presença de outros trabalhos, que não estão aqui apresentados. Isto nos convoca a considerar a importância cada vez mais evidente que as sonoridades ganham neste âmbito das ciências, não só como dados etnográficos, mas também como objeto de pesquisa e campo de conhecimento. Esperamos que os leitores que se aventurarem por estas paginas aproveitem ao máximo estas reflexões.

Viviane Vedana